



AS ROTAS DO SONHO

Tiago Salazar



PREFÁCIO DE MÁRIO ZAMBUJAL

Cada lugar é um mundo único



OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título: As Rotas do Sonho

Autor: Tiago Salazar

Design de capa: Neusa Dias/Oficina do Livro

Revisão: Henrique Tavares e Castro

ISBN: 9789895555963

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010, Tiago Salazar e Oficina do Livro

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

*Em memória do meu avô Vítor Garcia,
jornalista e cidadão do mundo*

PREFÁCIO

A ARTE DE BEM VIAJAR EM TODA A PÁGINA

Acabo de correr meio mundo, parágrafo a parágrafo, com a sensação de que fui conduzido, em simultâneo, a dois cobiçáveis prazeres: de ler e viajar. Aconteceu assim quando a literatura de viagens, de tão fundas tradições na História e na Cultura portuguesas, se estriba na qualidade da prosa e na sensibilidade do escritor para nos dar algo de mais succulento que imagens comentadas de bilhete de postal. Caminheiro do mundo, com alma e traquejo de repórter, Tiago Salazar guia-nos por *As Rotas do Sonho* revelando seus encantos e orgulhos, sem escamotear feridas, antigas ou novas, de que padecem.

O que temos aqui é uma visão perspicaz, para além dos “atractivos turísticos” e das impressões epidérmicas de qualquer viajante desinformado ou distraído. Ao contrário, o autor não se remete à superfície com os olhos no visível, mergulha em acontecimentos, longínquos ou recentes, para revigorar o retrato de um país, uma cidade, uma região, hoje sob a implacável devassa dos modernos invasores a que chamamos turistas. Não que ele lamente a humana vontade de descoberta, mas sim o desconforto de assistir à sementeira indiscriminada de construções – tantas vezes sem personalidade local, antes gémeas de outras em pontos distintos do globo – por terras virgens, diferentes e sedutoras.

Esse desapontamento, que encontrou em passagens pelo Brasil – como essa agora nova-iorquina Fortaleza – não invalida que tenha sido no mesmo abençoado Brasil que festejou o assombro maior do seu deambular excursionista.

Ele o afirma: “Na vida, no amor e nas viagens – dizem os bruxos, os sábios e as mães avisadas – há sempre o *the one and only*”, à americana de Tennessee Williams, ou o lugar em que se pega “o bonde chamado desire”, à brasileira de Nelsinho Motta. Esse lugar foi Noronha. E depois de fornecer informações (inclusive preços) a quem sinta a boa tentação de visitar pela primeira vez Fernando Noronha, o nosso experimentado descobridor de paraísos reúne na mesma pincelada a memória do que existiu e o colorido do que existe: “No pretérito, Noronha foi o Tarrafal brasileiro, e muitos donos de pensão – toda a casa de Noronha é casa de família e residencial – são filhos de ex-condenados com histórias à *Papillon*. Mas o embaixador da ilha é o Zé Maria, antigo proprietário de supermercado do Recife que ali foi de férias, enamorou-se – pela ilha, pelo calhau do deus Príapo e pela sua camponesa de viçoso buço – e não mais quis voltar para o continente. Entendo o Zé. E o entendi plenamente quando descí à Baía do Sancho e tive a praia mais vezes votada a melhor da América do Sul, escancarada só para mim e a elegia do amor.”

Desde Cuba, com que abre o roteiro (“Depressa se conclui: além de lugar ao sol, Cuba é sobretudo um lugar ao som”) até a Turquia, onde teve por guia um jovem e “expedito turco da Capadócia”, Tiago Salazar transporta-nos à Nicarágua (onde “o risco de ataques de asma ou sufocação virão mais depressa do espanto das vistas do que da proximidade da boca dos vulcões”) e aos lugares percorridos por Che Guevara na sua juventude peruana: “Assim vamos, a trote e tragédia cómica, pela chincana da montanha, vindos de peregrinação desde a cidade de Cusco, onde El Che, ainda o rapazola Ernesto, fora detido por um nevão glacial e a quarta avaria na La Poderosa, ao terceiro mês de viagem.”

É longa e fascinante a rota deste livro – ou são demasiadas as viagens – para que seja útil entre mostrar, de cada palco, mesmo um pouco do cenário, da intriga, de personagens como o malaio Rani, condutor de chalupa a apanhador de lagostas à mão, que resumiu o seu desapego de ambições e abastanças: “Isto chega-me para ser feliz.”

Também a terras de Espanha, França, Itália, Grécia, aqui tão próximas na pequenez nova do planeta, nos leva Tiago Salazar. E há diferenças e revelações quando se vêem pelos olhos dele.

Saio do livro com a mão estendida para cumprimentar o condutor-cicerone que me levou por aí, instalado nas palavras. Palavras de quem sabe o que fazer com elas.

Mário Zambujal

ROTA INTRODUTÓRIA

Sem grandes esperanças, ao correr dos anos procurei o sabor daquela noite; por vezes julguei recuperá-la na música, no amor, na incerta memória, mas só voltou de madrugada num sonho.

A frase acima é do autor de *O Livro de Areia*, cuja amizade gosto de honrar. Num certo sentido, todos somos filhos de Borges, como todos os relatos de viagens são escritos na areia – sobre a recordação pessoal de uma possível realidade que mais cedo ou mais tarde se desvanecerá como brisa ou aguarela desbotada. Espera-se do encontro a mesma alegria na descoberta da palavra justa. E, porém, os bons achados, os paradeiros desvendados, os relatos de papel, os factos, as coisas e os indivíduos são apenas um ritual de passagem para outro desconhecido. A viagem (a recordação) atravessa-nos como um sonho mais ou menos longínquo, e dura *o tempo de uma noite e uma manhã*, ou de muitas vidas. A sua vocação é ter tanto de nítida como de memória exausta.

Os países atravessam-nos, mais do que nós a eles, disse Claude Roy, o avisado francês. Porém, nem todos os países são travessias sonhadas. A única viagem de sonho é o amor quando se dá a rara hipótese de eterno retorno. A viagem é então a crisálida do amor e do entendimento retrospectivo. Deste livro, recordo agora a circunstância feliz de uma tarde passada na companhia do meu Orzowei, o ossudo caminheiro himba que nunca viu a pintura d' *O Contemplador de Mundos*, mas onde o gesto, o olhar, a

passada, a voz, a frase magra, produzem o efeito concêntrico do ricochete da pedra lançada sobre a água.

O escritor-viajante é um refugiado que traz para a vida comum os seus sonhos e indagações. A sua narrativa pode ir além dele, se tudo correr bem. Depois, importará mais o relato genuíno, a narrativa fiel à realidade, inquieta, bruta, terna e desassossegada, de solavancos e êxtases, ou aquela que convida à plácida leitura em pose de praia? A viagem, por melhor que faça à pele, é também assunto do desconforto e do pesadelo. Devemos empalidecer ao sabermos que naquele esplêndido *resort* estrelado, mareado e 'oral, se praticam salários africanos, ou que a duna outrora fértil e intacta deu lugar a uma moderna jazida? Ou devemos continuar pajens do acaso, fregueses do *spa*, lúdicos e afivelados no catarro, como faziam os acólitos de Constantino na Nova Roma, recomendando, avulso, os pergaminhos do Bósforo? O importante não é passarmos o tempo, mas vivermos a viagem e as suas emoções.

Deixo o leitor com uma meditação escrita pelo meu avô materno, Vítor Garcia, repórter, andarilho, escritor, poeta, companheiro, pai, ribatejano de Almoester, desaparecido precocemente aos 37 anos, quando era já um viajante de longo curso, um homem maior e de plaina séria a quem dedico estes países do sonho, estes caminhos do mundo.

«TALVEZ AINDA TENHA ESPERANÇA DE VER OS CAMINHOS DO MUNDO
PLANTADOS DE FLORES SINGELAS DE BOA VONTADE.»

Almeirim, 7 de Abril de 2010
Tiago Salazar

Na escuridão, penso no mar como se fosse uma pessoa humana, com todos os sentidos despertos para melhor o ouvir chegar, para melhor o receber.

JEAN-MARIE GUSTAVE LE CLÉZIO,
IN *O CAÇADOR DE TESOUROS*

Atravessei muitos países; mas foram os países que me atravessaram.

CLAUDE ROY, IN *LE JOURNAL DES VOYAGES*

Quem sabe em que época primordial chegou o Homem / E ficou nas encruzilhadas do universo? / O seu sustento estava no seu sangue, / Nos seus sonhos, / E no autêntico caminho que percorreu.

RABINDRANATH TAGORE, IN *POESIA*

Fada Morgana - Há alguém... um marinheiro adormecido, ou talvez a sonhar.

Merlin - Sim, mas dorme com os olhos abertos, e aqueles que dormem com olhos abertos são perigosos porque não sabem quando é que os seus sonhos terão um fim.

THE CELTS, 1971-72

CUBA

UM LUGAR AO SOM

Depressa se conclui: além de lugar ao sol, Cuba é sobretudo um lugar ao som. É uma ilha musical onde tudo conflui em claves (de sol) e *holás* (sustenidos). No soturno aeroporto José Martí (o embargo leva a economizar na luz), o fiscal da alfândega faz pautas de percussão com os carimbos e canta um «*buenas*» ao estrangeiro pasmado. Quem nunca foi ali pensa nos cubanos como um povo mártir de espanhóis, americanos e castristas (o que é uma grande verdade). Espera um mar de gente de cara franzida, esquelética e cabisbaixa vagueando nas ruas e pedindo esmola. Porém, a dignidade é inquebrantável e a alegria espontânea só quebra quando passam furacões ou se fala no regresso ao trono de Fidel do hospital geriátrico. Antes de chegar à ilha, o estrangeiro imagina um gueto infeliz de comunistas renitentes e ortodoxos fiéis de *El Che*. Mas vermelhos e amigos da foice só os agricultores tisonados da vila de Trinidad, supostos descendentes de índios comanches, ou a juventude rebelde que pede as barbas e o pescoço rugoso de Fidel no cepo. O comunismo «científico» foi varrido do mapa cubano e sobra a generosidade apolítica. A ilha é dos poucos lugares do mundo onde as portas das casas nunca estão no trinco e o forasteiro é convidado a entrar (e cear, fumar, charlar...) como se fosse um da casa, um *compañero*. Ou *a comer, a beber, a lo que tu quieras, cuando quieras, a la hora que quieras*.

Chegados a Havana, as poucas luzes do casario que se divisam estão separadas por quilómetros. Candeias de

petróleo tremeluzem nos alpendres como pirilampos (trágicos). A electricidade e os combustíveis são os bens mais penalizados pelo embargo americano, sobretudo desde que acabaram as benesses soviéticas. Os cubanos já habituaram os olhos a viver na penumbra e as pernas a dar ao pedal - à falta de gasolina para os *guaguas* (os autocarros), importaram-se cinco milhões de bicicletas chinesas. Quando não cantam e dançam (ou remendam pneus), os cubanos ocupam o tempo a vegetar nos degraus e alpendres, de livros e jornais içados - há um índice absoluto de literacia, uma das raras conquistas abençoadas do regime. Nos últimos meses, o mal-estar atingiu níveis históricos e Raul Castro, o presidente interino, foi obrigado a reconhecer publicamente a falência de «partes» do sistema. Num ano apenas houve 215 687 reuniões populares e um milhão e trezentas mil queixas contra o partido. O povo queixa-se dos salários baixos, da moeda dupla (uma para bens importados e turistas, e outra para consumo interno), da falta de casas e da degradação dos serviços públicos de saúde e educação. Os órgãos oficiais, os jornais *Granma* e *Juventud Rebelde*, fizeram-se eco dos protestos e apontam a inércia burocrática e o excesso de regulamentos que impedem os cubanos de terem telemóvel ou internet, que os obrigam a pedir autorização para mudar de casa e de carro ou os proíbem de entrar nos hotéis dos ocidentais e de viajarem quando entendem. Quando cheguei, as ruas estavam repletas de manifestantes que pediam o dobre de finados do regime. Na varanda do Hotel Riviera, antiga propriedade dos *capos* Meyer Lansky e Lucky Luciano, assisti aos protestos no Malecón, supondo que, mesmo enfermo, Fidel ainda era o rei da cocada e o carrasco dos bardos do Ipiranga. Nessa manhã, fiz o que faz meia Havana todos os dias, do sol nado ao sol-posto: cabotei os oito

quilómetros da avenida marginal do Malecón, debrucei as íris sobre o estreito da Florida, fumei proletariamente o meu charuto *Robaina Siglo 5* e sonhei com a liberdade. O Malecón é o coração de Havana, onde Reinaldo Arenas, o malogrado escritor homossexual (autor de *Antes que Anoiteça*) nadou nu, copulou com efebos nas águas mornas e lânguidas do Caribe e tentou o seu primeiro salto libertário dos rochedos musgosos. Desde a saída de Arenas para os EUA, nos anos 70, que aquele é o trampolim afectivo dos descrentes do castrismo. Castro, *o Castrador*, de 81 anos, vítima de uma hemorragia intestinal, não aparece em público há mais de dois anos, mas a sua presença onnipotente ainda é avassaladora. Cartazes levantados por toda a ilha denunciam a influência do herói da Sierra Maestra, convertido, meio século depois, no juiz e carrasco de uma nação. Miami, do outro lado do mar, é tanto de terra prometida como torreão do Diabo. Enquanto enrola um charuto nas coxas magras, Vicente, músico, arquitecto e guia nas horas vagas, sussurra-me os episódios da véspera. Seis *balseros*, opositores do regime que tentavam escapar da ilha em *balsas* (câmaras de ar de camiões), juntaram-se na Calle del Bispo liderados por um oficial da marinha reformado. A fuga estava a ser planeada em código, sob o nome de guerra «Operação Lavagante». Iam sair para o mar como se fossem pescar lagostas. O oficial seria o capitão e os outros cinco remariam ao longo dos 45 quilómetros que separam Havana de Miami à força de braços. Alguém bufou a operação e o oficial foi encontrado crivado de balas por três carros-patrolha da Polícia Nacional Revolucionária. Um crime a sangue-frio contra a emigração no país que ostenta a ausência de criminalidade. «Eu conhecia-o. Esteve ao lado dos revolucionários da Sierra Maestra», diz Vicente com desdém. Um barbudo descrente das virtudes do castrismo

que pretendia ajudar um bando de cubanos a escaparem-se rumo à miragem de Miami. Nos jornais do dia, *no pasa nada*.

Na frente do Riviera, e depois dos urros de fogo a Fidel, instala-se uma parada de *Chevrolets*, *Pontiacs* e *Studebakers*, as velhas carcaças deixadas pelos colonos americanos nos tempos da ditadura de Fulgêncio Baptista. Muitas destas «banheiras» servem de discoteca ambulante ao povo, proibido de frequentar os espaços de turistas. Américo Pérez herdou um *Plymouth* do pai que, por sua vez, o ganhara ao jogo, em 1959, numa partida de póquer no Hotel Ambos Mundos, onde Hemingway escreveu *Por Quem os Sinos Dobram*. O rádio do *Plymouth* reluzente enche a rua de acordes de rumbas. De repente, a rua vazia é invadida por uma multidão espontânea. O povo e os turistas abraçam-se em danças sensuais. Proibidas as entradas nos bares, restaurantes e discotecas, os cubanos fizeram do Malecón a catedral de diversão. Pérez *habla*: «Temos a barriga vazia mas o coração contente.» E berra a plenos pulmões: *Viva Fidel! Viva Raul! Viva La Revolución!* Os castristas, de engenheiros a *giniteras* (prostitutas), juntam-se então para um comício. «Cuba está só. A ilha sofre com o embargo. Não há comida, medicamentos, roupa... Mas que culpa têm os Castro e o Partido Comunista Cubano da teimosia americana? Qual o mais obstinado? Acredito no que Fidel fez para dar continuidade à revolução, na educação que deu ao povo, na saúde gratuita. Se passamos fome é porque os americanos teimam em não nos respeitar.» Quanto à farsa das eleições democráticas, à imprensa reprimida, à emigração condenada, os opositores presos, torturados e «eliminados», os castristas encolhem os ombros. «Aí tens razão. O regime devia sujeitar-se ao voto livre. Mas vivemos bem, comparados com outros

países da América Latina. A música salva-nos.» A passagem oficial do testemunho de Fidel para o irmão Raul é vivida com apreensão. Após três décadas de espera para recuperar o poder de compra que tinham antes da queda da URSS, os cubanos acreditam no milagre da utopia – enquanto isso, o santo padroeiro é Hugo Chávez (a Venezuela tem sido o principal apoio económico e energético da ilha).

A luz parda das ruas de Havana guarda a nostalgia de uma revolução sentida como alívio dos delírios faraónicos de Batista. Só que nas janelas, os panos e estandartes, as efígies de *El Che* e Camilo Cienfuegos estão esfarrapadas e já sem a cor e o brilho da era poética revolucionária, quando se achava que todos os sonhos eram possíveis. Hoje, o lugar mais conservado de Havana é o cemitério de Colón onde as lápides e as estátuas estão mais bem cuidadas do que a maioria das casas. É lá que estão as tumbas de Ibrahim Ferrer e Compay Segundo, ou a do general Calixto García e outras figuras importantes da história cubana que passam despercebidas à minha modesta cultura. Brevemente, lá estará a cripta de Fidel, um bom motivo para subir o preço da entrada.

Defronte da Calle de Santa Maria ouvem-se os ecos dos grandes *slogans* comunistas. *Señores imperialistas no les tenemos absolutamente ningún miedo*. Entre a Havana Vieja, das muralhas de castelos espanhóis convertidos em atracção turística, dos retratos do francês Vernay alusivos à chegada do descobridor Cristóbal Colón, da Bodeguita del Médico, bar-restaurant celebrizado por Ernest Hemingway nos anos 50, e a Havana pós-colonial, apinhada de bairros sociais decrepitos e indigentes, há todo um abismo. O manto do realismo tornado mágico pela literatura é apenas glorioso nas páginas de *Três Tristes Tigres*, de Guillermo

Cabrera Infante, ou *Paradiso*, de José Lezama Lima. A juventude está mais rebelde do que nunca e recusa-se a acatar a farsa dos Castro. «Enquanto houver barbudos e obstinação revolucionária (ou “um revolucionário nunca se reforma”, como disse Fidel), não haverá liberdade», protesta um engenheiro civil e arrumador de cadeiras de praia em Varadero, a península balnear e remanso de luxo do turismo ocidental onde os cubanos são apenas criados. Pode ver-se Varadero de um ângulo mais favorável ao estrangeiro: uma imensa faixa de praia e de *cayos* (ilhéus), a melhor do país (e das Caraíbas), decorada com luxuosos hotéis, *spas* e marinas, paraíso do mergulho e da resistência à cruzada antitabágica que invade o mundo e onde é possível fumar sem que ninguém estorve a paz de um *puro*. Varadero é dos poucos lugares de Cuba que não respira a asfixia do embargo. O antigo bordel de eterno veraneio dos milionários americanos nos anos 50 é hoje um respeitável cantão de férias, sobretudo para espanhóis, alemães, canadianos, os principais investidores no país. Vozes críticas dizem que entre estes e os mafiosos Meyer Lansky e Lucky Luciano, venha Lucífer e escolha. E recordam a época de Batista e do conluio mafioso quando Cuba era a Montecarlo das Américas, convertida no remendo tropical de Las Vegas. Um império de casinos e hotéis que ia de Havana a Varadero numa extensão de duzentos quilómetros. Negócios de dinheiro sujo que tinham o beneplácito das grandes fortunas americanas de então, que geriam uma rede de licores, droga, hotéis, salas de jogo e pornógrafos. Ficou então famosa a observação do escritor cubano Jesus Díaz sobre a riqueza da ilha: «Cuba era o maior produtor de cus por metro quadrado do planeta. (...) Na divisão internacional do trabalho, éramos, por definição, o país da fornicção.»

A revolução do Primeiro de Janeiro de 1959 pôs fim ao prostíbulo dos EUA, mas desde que acabou a mesada russa, nos anos 80, as cubanas doutoradas voltaram a prostituir-se em troca de roupa ou comida para os filhos. E ninguém pode esconder do mundo as prisões e torturas de Guantánamo, onde a música da rapariguinha de *Guantanamera* é outra. A face negra de uma ilha abençoada pelo sol, o som e o sonho da utopia.

HEMINGWAY EM CUBA

Uma das ironias utilizadas pela escritora Gertrude Stein, na guerra particular de rábulas com Hemingway, foi dizer que ele tinha um olfacto especial para encontrar bons lugares onde viver e comer. Finca Vigia, a quinta rústica das cercanias de Havana que lhe serviu de residência mais prolongada em Cuba, preenchia esses requisitos. Era o paraíso possível no universo da felicidade hemingwayana. Escrever pelas manhãs, sufocar de livros, gozar a languidez das tardes e a lhanza dos amigos numa poltrona de couro, além da companhia de dúzias de cães, 57 gatos e uma criação feroz de galos de luta. «Esta *finca* é um lugar esplêndido... ou era», confessava Hemingway, em 1958, numa entrevista a George Plimpton. A alternativa de usar o verbo no pretérito significava a aversão à fama atingida com o prémio Nobel, que lhe convertera a *finca* num centro de peregrinação de toureiros, *boxeurs*, soldados, pescadores e candidatas a Mrs. Hemingway.

Antes, o escritor vira-se obrigado a abandonar o primeiro refúgio cubano, o Hotel Ambos Mundos, na Havana Vieja, hoje o segundo lugar mais procurado pelos seus aficionados, a seguir à Bodeguita del Médico. Na década de 30, Hemingway fizera do hotel a base de operações das suas campanhas de pesca grossa na corrente do Golfo.

Alugara o quarto ao mês, por uma centena de pesos. Uma assoalhada lúgubre e sem número, no quinto piso, mobilada com duas mesas-de-cabeceira e uma cama matrimonial de madeira ordinária, além de um penico e um estirador adornado por uma vasilha. As janelas davam para a antiga catedral e a entrada do porto e do mar, ao norte. Dava ainda, a levante, para a península de Casablanca. A maravilha de então – e de agora – eram os telhados do casario que se estende como um onda larga até ao molhe. O quarto mantém-se intacto, em memória do escritor, tendo por companhia um precioso exemplar da bíblia da literatura castelhana: uma primeira edição do *Quixote*, de Cervantes. Porém, dez anos mais tarde, num regresso heróico da Guerra Civil de Espanha, à época do romance com Martha Gellhorn – a sucessora de Pauline Pfeiffer na lista de quatro casamentos –, precisava de outro local, à medida da fama ganha no ínterim. Corria o ano de 1939. Num anúncio de jornal, Martha descortina uma velha quinta, deslocada do centro e podre na medida certa. Quando a visitam, Hemingway torce o nariz. Tem o estilo colonial que o seduz, mas o estuque e os pilares são recordação. Ali não fica. Está dito. Martha recupera a casa em segredo, e torna-a um formoso refúgio campestre, a antecâmara de livros como *O Adeus às Armas* ou *O Velho e o Mar*.

NICARÁGUA

DEBAIXO DOS VULCÕES

A pesar de pacificada, democrática e abençoada pela temperatura dos trópicos, a Nicarágua ainda é o país mais pobre da América Central. Os saudosistas de Daniel Ortega Saavedra dizem que nada mudará enquanto não regurgitar a lava dos vulcões da Cordillera Los Maribios. O turismo, porém, conseguiu escapar à maldição e devolver o país ao mapa-mundo pelas melhores razões. Os cenários mais negros de dilúvio sugeridos por todos os derrotados, dos cépticos *chamorristas* (partidários de Violeta Chamorro), aos afectos do general Anastasio Somoza Garcia ou aos fiéis dos *Contras* (rebeldes financiados pela CIA e o governo Reagan nos anos 80), nada lograram contra a força imparável do turismo tropical.

Até aos anos 90, é facto que não havia um nicaraguano que não quisesse emigrar, e o governo agradecia, porque estes devolviam dólares à procedência e enchiam os cofres da *Revolución*. Hoje, o mais certo é os negócios de Estado (a maioria opulentos *resorts* nas orlas do Pacífico) serem a principal causa política nacional e todos quererem o seu quinhão de praias e colinas na hora de fundear a âncora – afinal, a Nicarágua pode orgulhar-se de ter as melhores praias insulares, como as das Ilhas Corn ou Ometepe, e as mais prodigiosas crateras, caso do Volcán Masaya. O mordaz americano Mark Twain, que visitou o país em 1867, dedicou páginas efusivas aos vulcões de Ometepe: *Que casa poderia arranjar por entre aquelas florestas sombrias, por entre as encostas soalheiras e os vales varridos pela*